

HBB enfrenta a pior crise em 30 anos

Súsan Faria

O Hospital de Base de Brasília vai completar 30 anos, no próximo dia 12, sem ter o que comemorar. Ao contrário do que se poderia esperar do maior hospital do DF, o HBB vive hoje sua pior crise desde que foi inaugurado, no dia 12 de setembro de 1960. A falta de remédios, móveis, lençóis, recursos humanos e materiais, aliada à greve do pessoal paramédico (enfermeiros, auxiliares de enfermagem e técnicos administrativos), que hoje completa 12 dias, está contribuindo para que o atendimento do hospital deixe cada vez mais a desejar.

O diagnóstico do hospital pode ser avaliado pela falta de condições de trabalho do seu pessoal e pelo grande número de pacientes à espera de atendimento. As deficiências no HBB são visíveis em toda sua estrutura, mas é no pronto-socorro de cardiologia, cirurgia vascular e cardíaca que a situação está insuportável. Para se ter uma idéia do desamparo no setor, basta percorrer os dois corredores principais que lhe dão acesso.

Banheiros

No primeiro corredor, estão enfileiradas 17 macas com doentes em estado grave, que se utilizam

de um único banheiro, dividido também com sete outros pacientes instalados no segundo corredor e 11 internos em dois pequenos quartos. Ou seja, são 35 pacientes mal acomodados numa área abafada, sem janelas ou qualquer tipo de ventilação, usando um único banheiro para tomar banho e fazer suas necessidades fisiológicas. O banheiro serve a homens e mulheres e ficou oito dias sem água, durante o mês de julho.

Naquele período, o banheiro dos funcionários do pronto-socorro também ficou sem água, por causa de um cano arrebentado na antiga e mal conservada instalação hidráulica na área. Os 35 pacientes do pronto-socorro de cardiologia, cirurgia vascular e cardíaca não têm água notável à sua disposição, necessitam de cobertores, lençóis e remédios.

Rato no ambulatório

Duas pequenas salas servem de ambulatório para o atendimento das três unidades (cardiologia, cirurgia vascular e cardíaca), e às vezes, os médicos são obrigados a atender os pacientes em pé, por falta de cadeiras. No espaço minúsculo e desconfortável dos ambulatórios, recentemente, apareceu um rato correndo em pleno dia, enquanto um médico prestava aten-

dimento a um paciente, segundo depoimentos de funcionários, que afirmaram também ser comum a existência de baratas ali.

O pronto-socorro do HBB foi instalado de forma provisória com previsão de atendimento para, no máximo, seis meses, até que fosse reformado o bloco de emergência do hospital. Há dois anos, essa reforma está concluída, mas o bloco não pode funcionar por causa de erros na construção e falta de equipamentos, remédios e recursos humanos. Segundo a diretora do HBB, Maria Custódia Machado Ribeiro, não há previsão para reabertura do antigo pronto-socorro. "Como posso reabri-lo, se não temos sequer lençóis para colocar ali? Precisaria de seis mil lençóis para o pronto-socorro e tenho hoje 500 para atender a todo o hospital".

A falta de material cirúrgico, medicamentos, aparelhos de raios-X e mobiliário é outro problema sério que impede o funcionamento do bloco de emergência, cujas portas de suas salas são menores do que as macas recém-adquiridas pelo HBB. Para fazer funcionar os quatro andares do bloco, é necessário a contratação de mais 100 médicos e 600 auxiliares de enfermagem, explica a direção do hospital.

Hospital tem estrutura saturada

A diretora do Hospital de Base de Brasília, Maria Custódia Machado Ribeiro, disse ontem que não tem uma solução para melhorar as condições de trabalho e de atendimento daquele hospital. "O HBB está passando por uma situação difícil como todo o País. Aqui é o final de linha. Todos os casos complicados não resolvidos nos outros hospitais da Fundação vão parar no HBB, que está trabalhando em condições precárias", explica.

Segundo Custódia, para o HBB funcionar bem, ele necessita de mais recursos humanos e materiais, além de verba para manutenção diária. "O hospital está de pé porque tem a melhor equipe médica do DF. E é preciso ter muita força de vontade para ser médico do HBB", explica a seu ver, é difícil gerenciar bem um hospital quando não existem condições na casa para isso. "É difícil gerenciar uma estrutura de saúde caótica", ressalta.

Custódia diz que, se os outros hospitais da Fundação funcionassem bem, não haveria tanta demanda de pacientes para o HBB, que ficaria "desafogado". O atendimento mensal de pacientes no



Custódia aponta dificuldades

HBB é de 10 mil pessoas no ambulatório e 11 mil no pronto-socorro.

Carência

Para cada leito do hospital, existe apenas um lençol. De tanto serem usados e lavados, muitos estão se rasgando. O déficit de lençóis no HBB é hoje de seis mil peças. Um levantamento para com-

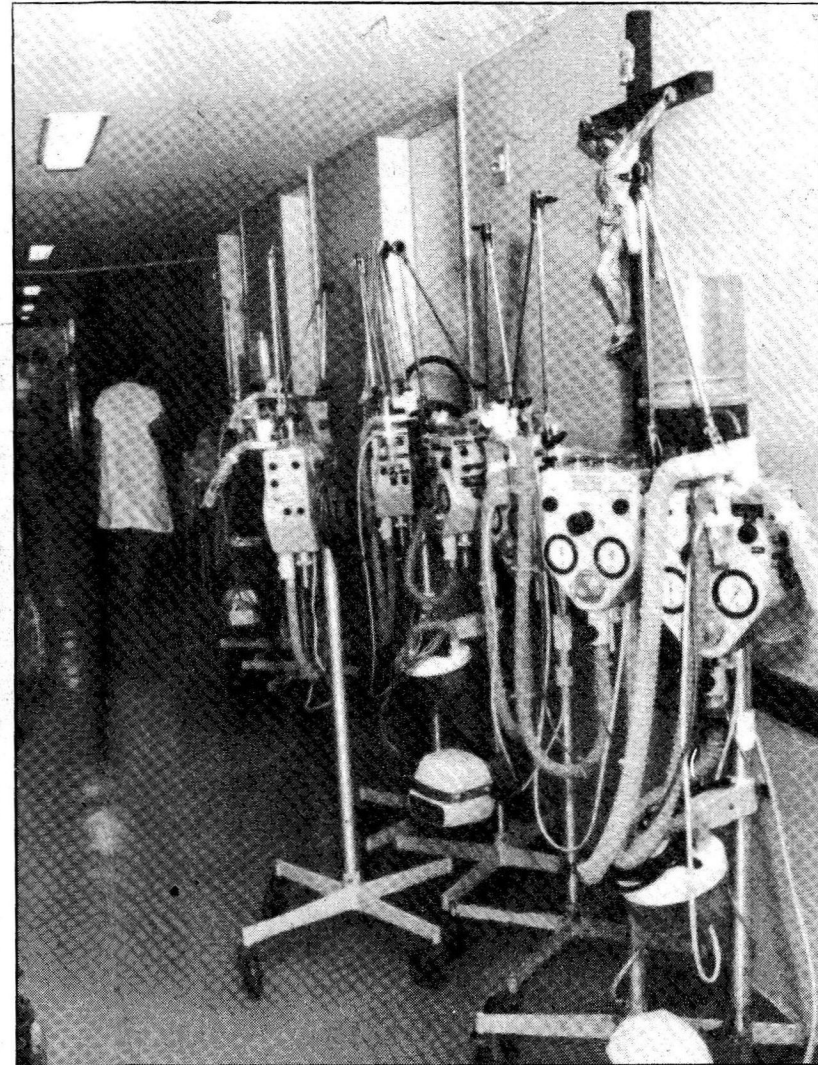
pra de móveis indica a necessidade de uma verba de Cr\$ 14 milhões.

Os laboratórios do hospital carecem de material para realização de exames. Na avaliação de Custódia, para funcionar bem, o HBB precisa de pelo menos mais 100 médicos, 600 enfermeiros e auxiliares de enfermagem, 19 assistentes sociais, 18 nutricionistas, 16 psicólogos, 10 telefonistas e 16 agentes administrativos.

O HBB tem 11 pavimentos, mas o oitavo andar e o bloco de emergência estão desativados, por falta de condições materiais e humanas. Metade do sétimo andar, onde funciona a pediatria, ficou também desativada durante oito meses por causa de suas instalações precárias.

Recursos

O governador Wanderley Valim vai encontrar-se hoje com o presidente Fernando Collor a quem solicitará recursos para a conclusão das obras do Pronto Socorro do Hospital de Base, cuja inauguração está marcada para setembro. Vallim afirmou ontem que o atraso na inauguração se deve a modificações que precisam ser feitas já.



Marcio Batista

Os corredores estão cheios de aparelhos e macas com pacientes

Sindicância apura omissão

Uma comissão de sindicância foi formada no Hospital de Base de Brasília para apurar uma possível negligência médica que resultou na amputação da perna esquerda de Maria da Natividade Goulart, internada há cerca de um mês naquele hospital. Natividade chegou ao HBB com uma necrose nas pontas dos dedos da perna esquerda por falta de circulação arterial. "A paciente tinha entupimento da artéria femoral na perna esquerda. Estava com os exames prontos para se submeter a uma cirurgia letiva, marcada para dia 8 deste mês", explica a médica Telma Pilomia, chefe da equipe médica de cirurgia vascular.

Segundo a médica, a cirurgia de Natividade, que não era de urgência, foi adiada por causa da greve dos paramédicos, iniciada no dia 8, e também por falta de roupa no centro cirúrgico. Telma enfatiza

que o médico Hermano Alves Araújo, citado pela família de Natividade como responsável pelo adiamento da cirurgia da paciente, não foi quem acompanhou o caso.

A diretora do HBB, Maria Custódia Machado Ribeiro, afirmou que a comissão de sindicância vai apurar a responsabilidade pelo adiamento da cirurgia daquela paciente. "Se ficar comprovado que o adiamento foi em consequência da greve, vamos conversar com o comando do movimento e punir o responsável", comentou, lembrando que o resultado da sindicância deve sair dentro de 15 dias.

Natividade permaneceu 11 dias no corredor que dá acesso ao pronto-socorro do HBB, sofrendo dores e sentido que sua situação estava cada vez mais complicada. Nesse mesmo corredor, estavam ontem 17 pacientes deitados em macas enfileiradas. (S.F.)

Saúde admite a falta de medicamento

A falta de antibióticos e outros medicamentos na rede hospitalar do DF — confirmada terça-feira ao **Jornal de Brasília** pelo secretário de Saúde, José Richelieu — foi minimizada ontem por seu secretário adjunto, Rochaël Ribeiro, e pela diretora da Farmácia Central da Fundação Hospitalar, Rose Mary Luizari. Eles disseram que os principais medicamentos estão disponíveis, embora tenha havido crise de abastecimento até o final da semana passada. Mas Ribeiro admitiu que possam até acontecer mortes por falta de antibióticos menos comuns, indisponíveis por carência de verbas ou de fornecimento.

Perguntado sobre a possibilidade de ocorrerem mortes por falta de medicamentos Rochaël disse que "por falta dos principais, não". A chefe da farmácia central afirmou que 80% dos mais de 1 mil 200 itens do estoque estão disponíveis, e considerou este número normal. "Não adianta esconder a verdade. Estão mesmo faltando medicamentos básicos e vários tipos de materiais cirúrgicos. Estou tentando repor os estoques, mas está muito difícil", informou na véspera, através de um recado transmitido por sua Assessoria de Imprensa, à reportagem do JBr. Na ocasião, ele prometeu uma entrevista para ontem, afinal cancelada em virtude de outros compromissos.

Rochaël Ribeiro acredita, segundo disse, que esteja havendo "falta de informações". Ou seja, os hospitais estariam deixando de solicitar medicamentos que estiveram em falta até o final da semana passada, mas já estão disponíveis. Ele próprio só foi informado da melhora da situação pouco antes da entrevista, às 16h00 de ontem, pela farmacêutica Rose Mary. O secretário, pelo menos até a véspera, confirmava a falta de recursos medicamentosos e materiais, apontada por profissionais de saúde.

Uma das carências, segundo aquelas informações, era a de soro, negada pela diretora da Farmácia Central, que exibiu grande volume de caixas cheias e informou que, mesmo antes da chegada de quatro carretas com o produto — ontem pela manhã — havia disponibilidade.